



## CORPO DE DELITO

# “Fortaleza Europa”, com trompete

Uma “fortaleza” de muros permeáveis, de fossos facilmente transponíveis, de guardas que não resistem às investidas; e ainda bem, por todas as razões



Rui Patrício

Seja qual for o dia, seja qual for a hora, e seja em que estação for das seis linhas do metropolitano de Bruxelas, há sempre uma pergunta que me ocorre: onde estão os belgas? Experimente-se, por exemplo, apanhar o metro na estação De Brouckère, às seis da tarde, e mergulhar-se-á num mar de magrebinos, africanos, orientais, médio-orientais, europeus de leste, europeus do sul, sul-americanos; e tutti quanti, de várias raças, cores, feitios, línguas, vestimentas, costumes, e tudo isso que cada pessoa traz consigo para além da cabeça, do coração, do tronco e dos membros. O mesmo acontece, por exemplo, em Londres ou em Paris. Embora de forma talvez não tão intensa como em Bruxelas, outros metropolitanos dão-nos a mesma sensação de que a cha-

mada “fortaleza Europa”, realmente, não existe. Ceuta e Melilla podem estar rodeadas de arame farpado, a guarda costeira italiana pode patrulhar ferozmente o mar ao sul da Sicília, cada controlo de passaportes nos aeroportos europeus pode ser uma barreira de guardas mal-encarados para quem não é branco ou não exhibe um passaporte com um círculo de estrelinhas. A “fortaleza Europa” pode ser um conceito que serve bem para explicar e analisar certas políticas, vários discursos ou alguns desejos (mais ou menos disfarçados). Tudo isso pode ser, e tudo isso é. Mas trata-se de uma “fortaleza” de muros permeáveis, de fossos facilmente transponíveis, de guardas que não resistem às investidas. E ainda bem. Por todas as razões, desde as mais bondosas às mais interesseiras. Aliás, nem poderia deixar de ser assim, não só porque os do lado de cá da “fortaleza” não procriam e envelhecem, mas também porque ignoram certos trabalhos, que são realizados pelas pessoas que enxameiam o metropolitano nessas cidades e que nos fazem perguntar, por exemplo, onde é que estão os belgas.

Em Paris, em certo fim de tarde, na estação Concorde, entram numa car-

ruagem dois homens, daqueles que tocam música e, no fim, pedem umas moedas. Nenhum deles é francês, talvez sejam turcos ou médio-orientais, ou talvez sejam daquela Europa que se derrama no mar Negro. Um toca trompete, o outro trompa. A música alegra a fadiga do fim de tarde, disfarça o cheiro dos corpos, faz com que quase todos levantem, por segundos, os olhos do telemóvel, do jornal, do livro ou da simples indiferença dos olhos vazios apontados para a frente ou para o negro dos túneis. Tocam, o metro pára na estação seguinte (Madeleine), continuam a tocar, quase a chegar à próxima (Saint-Lazare) deixam de tocar e um deles, o do trompete, pede, com um copo de plástico na mão. Contra todas as advertências de quem está comigo, dou-lhe uma moeda de dois euros. Sim, dois euros! Dois euros não são muito, dois euros não são nada, e dois euros não pagam, para além da alegria da música, mais uma evidência de que a “fortaleza Europa”, realmente, não existe. Não existe a não ser no facto de ser eu quem tem os euros, e o homem do trompete o copo de plástico na mão.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Vários metropolitanos dão-nos a ideia de que a “fortaleza Europa” não existe